

Filologia Germânica e formação de professores: algumas reflexões

Germanic Philology and teacher training: some considerations

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v5i2.26580>

Álvaro Alfredo Bragança Júnior

Professor de Língua e Literaturas de Língua Alemã da UFRJ, Doutor em Letras Clássicas e Mestre em Filologia Românica pela UFRJ, Estágio Pós-Doutorado em História Medieval pela Ruhr Universität de Bochum, Alemanha.

E-mail: alvabrag@uol.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1768-4077>

RESUMO

O presente artigo apresenta, de forma sucinta, a importância da Filologia Germânica nos *curricula* universitários dos cursos de Graduação ligados à área de Língua Alemã e Literaturas em Língua Alemã como ciência inter e transdisciplinar, propiciadora de análises mais abrangentes sobre a cultura expressa no idioma em questão nos textos literários da Baixa e Alta Idade Média. A partir de um breve quadro panorâmico acerca dos estudos acadêmicos no Brasil relacionados com a Filologia Germânica enquanto ciência da linguagem e centrado nossa atenção à produção literária em alemão no Alto e Baixo Medievos, assim como, a partir de algumas reflexões e experiências didáticas empreendidas até agora, procurar-se-á demonstrar a relevância e pertinência de uma abordagem centrada nos estudos filológicos e culturais para a viabilização de práticas interdisciplinares, através das quais os textos literários possam servir de testemunho e documento da época estudada.

Palavras-chave: Filologia Germânica. Estudos Interdisciplinares. Medievalística Germanística. Literatura Medieval. Alemão Medieval.

ABSTRACT

This article presents, in a succinct way, the importance of German Philology in the university curricula of the undergraduate studies related to the German Language and Literature as an inter and transdisciplinary science, providing a more comprehensive analysis of the culture expressed in German in the literary texts of the Low and High Middle Ages. From a concise panoramic picture about the academic studies in Brazil related to Germanic Philology as a science of language and focusing our attention on German literary production in Upper and Lower Middle Ages, as well as from some reflections and undertaken didactic experiments until now, we will try to demonstrate the relevance and pertinence of an approach, which is centered on philological and cultural studies for the visibility of interdisciplinary practices, in which literary texts can serve as testimonies and documents of the studied time.

Keywords: German Philology. Interdisciplinary Studies. Germanistic Medievalistics. Medieval Literature. Medieval German.

Introdução

No cenário acadêmico brasileiro, os estudos relacionados à Filologia Germânica¹ ainda se apresentam esparsos e bastante raros, o que não permite aos estudiosos terem um contato mais profundo com a riquíssima produção literária em línguas germânicas, em especial durante a Idade Média². Atualmente, contudo, o panorama acadêmico no que tange aos estudos diacrônicos dessas línguas, embora ainda bastante limitado, aponta uma tendência para o desenvolvimento de pesquisas com viés interdisciplinar e integrado, preferentemente dialogando com as ciências humanas. Configurando-se como fontes, os textos passam de testemunhos a documentos para análises várias, e, nesse sentido, a Filologia oferece um suporte linguístico-cultural indispensável para abordagens como a historiográfica, perfazendo um foco de observação em que o social e o linguístico-literário fornecem sempre uma melhor aproximação do contexto da obra literária. A experimentação conjunta entre Filologia e História, aplicada ao mundo medieval germanófono, está muito bem representada pela *Medievística Germanística*, pois se o amor à palavra define o estudo crítico-evolutivo de uma dada língua, caberá à ciência do mundo medieval germanófono a concentração de dados sociolinguísticos e culturais, que permitirão a partir da *Hermenêutica* a interpretação e análise da mensagem textual. Com essa visão conjunta de trabalho pode-se, em nosso ver, aprender e compreender melhor daquilo que se objetiva investigar. Em síntese, pretexto, contexto e texto são uma tríade indissociável no mundo dos estudos da linguagem.

Portanto, em nosso ponto de vista, partimos para alguns comentários críticos sobre a necessidade do conhecimento da Filologia Germânica com vistas à aplicação prática em sala de aula na formação de professores de alemão (e também de inglês), em cuja base se assente uma prática pedagógica voltada para um modelo humanista e generalista de cultura, que complete, mas não se contraponha à atual tendência dos estudos da linguagem em privilegiar somente os aspectos sincrônicos das línguas. Para tanto, acreditamos ser a disciplina Filologia Germânica uma das chaves para se alcançar tal meta.

¹ Sobre a conceituação de *Medievística Germanística* e Filologia Germânica cf. nota 3.

² Como exceção cita-se a obra capital de Heinrich Bunsen, *Iniciação à Filologia Germânica*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1983. Sobre a língua alemã, a partir de um aporte filológico, as duas obras mais importantes são as de Erwin Theodor Rosenthal, *A língua alemã*. São Paulo: Herder, 1963 e a tradução de Jaime Ferreira da Silva e Antônio Almeida do tratado de Peter von Polenz, *História da língua alemã*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1973. O atual artigo apresenta reflexões nossas acerca da área de confluência entre Filologia Germânica e *Medievística Germanística*, em parte já desenvolvidas em outros trabalhos, a saber, em Bragança Júnior, Álvaro Alfredo & Rocha, Roberto Ferreira da. Notas para responder à pergunta: o que é Filologia Germânica? In: Silva, Idalina Azevedo da (Org.). *Boletim Inter-Cultural APA-Rio*. Rio de Janeiro: APA-Rio, 1996, p. 4-5, e do mesmo autor, *Iniciação à Filologia Germânica*. Breve história comparada do inglês e do alemão, disponível em <http://www.filologia.org.br/vicnlf/anais/caderno02-01.html>, data de acesso 20 de maio de 2019. Teses e dissertações sobre a literatura medieval em inglês e em alemão também são escassas, embora seu número tenha crescido significativamente desde 2006.

Logo nos deparamos com uma questão: como definir, de acordo com nossa hipótese de trabalho, o que vem a ser Filologia e Filologia Germânica?

Filologia e Filologia Germânica – considerações

Nossa preocupação com o futuro profissional de Letras da UFRJ dentro das habilitações Português-Alemão e Português-Inglês valida-se a partir da constatação da perda de prestígio da Filologia dentro dos *curricula* universitários, cuja única vertente epistemológica ainda em voga se prende à Crítica Textual. Com o surgimento e afirmação da Linguística no século XX como disciplina *magna* entre as ciências da linguagem, com a diminuição de cursos de Filologia *stricto sensu* e com o desenvolvimento dos estudos relativos às metodologias do ensino de línguas estrangeiras, seja em nosso caso alemão ou inglês como segunda língua ou para fins específicos, a formação de futuros professores priorizou a partir da segunda metade do século vinte uma visão sincrônica da língua. Todavia, por que defender a Filologia? Como defini-la epistemologicamente?

Erich Auerbach (1970, p.11) forneceu a resposta: “A Filologia é o conjunto das atividades que se ocupam metodicamente da linguagem do Homem e das obras de arte escritas nessa linguagem.” Somamos às palavras do filólogo alemão a definição de Heinrich Bunse (1983, p.12) para quem esta ciência “é, [...] o estudo e conhecimento da língua enquanto instrumento ou meio de expressão das emoções artísticas de um povo, fixadas em seus documentos literários.” Literatura e língua confluem, portanto, para objeto da análise de uma ciência transdisciplinar, que configuraria um estudo abrangente da cultura expressa em um determinado idioma.

Nosso campo de atuação, contudo, leva-nos às duas línguas germânicas e suas literaturas estudadas nas universidades brasileiras, sejam elas inglês e alemão. Como nosso interesse consiste em fornecer subsídios teórico-práticos para o atual discente e futuro professor das citadas línguas, defende-se o estudo da história dessas línguas a partir de sua raiz comum germânica. Nesse momento, recorreremos à Filologia Germânica, bem definida pelas palavras de Heinrich Bunse (1983, p.13)

Podemos, então, conceituar a Filologia Germânica, *lato sensu*, como a ciência que estuda a cultura dos povos que falam línguas germânicas, isto é, o estudo da vida espiritual e intelectual dos povos germânicos através de sua língua, literatura, arte, religião, usos e costumes, direito, etc.; *stricto sensu*, como a ciência que estuda as línguas e literaturas germânicas.

É exatamente com essa abordagem generalista e humanista do autor que concordamos, pois entendemos a língua, mais precisamente os estratos primeiros de seu desenvolvimento, como

repositórios não apenas vocabulares, mas essencialmente histórico-sociais, já que cremos na indissociabilidade da língua do ambiente socio-cultural onde ela é falada, como afirma McCrumm (1992, p. 47): “Muitas vezes se diz, que você pode deduzir a história de um povo das palavras que ele usa.”

Entendemos a linguagem como fato social e não como entidade abstrata, pois o seu uso espelha as vivências daqueles que dela se utilizam. Da mesma forma, acreditamos que os textos literários documentam³ o homem em sua interação com o mundo. No tocante ao mundo medieval de expressão germanófono e anglófono, tal documentação permite ao estudioso traçar um quadro cultural daquela época, cuja influência para a formação do alemão e do inglês foi decisiva, e que deixaram no léxico as marcas das tensões históricas vivenciadas.

Como exemplificação, enumeramos os períodos históricos para a formação dos idiomas alemão e inglês:

1. Língua Alemã

- 1.1 *Althochdeutsch* – antigo-alto-alemão (cerca 800 – 1150);
- 1.2 *Mittelhochdeutsch* – médio-alto-alemão (cerca 1150-1350);
- 1.3 *Frühneuhochdeutsch* – primeira fase do moderno alto alemão (cerca 1350 – 1600);
- 1.4 *Neuhochdeutsch* – moderno-alto-alemão (cerca 1600 até hoje).⁴

2. Língua Inglesa

- 2.1 *Old English* – antigo inglês (cerca 700 – 1000);
- 2.2 *Middle English* – médio inglês (cerca 1000 –1500);
- 2.3 *Modern English* – inglês moderno (cerca 1500 até hoje).

A mera listagem nominal dos períodos linguísticos precedentes apenas indiciam que a preparação de um professor-filólogo requer anos de preparo acadêmico específico e qualificado, o que não se viabiliza diante do atual cenário de formação docente de *DaF-Lehrer* (professores de alemão) e professores de inglês, preocupado com o mercado de trabalho imediato que compartimentaliza o saber para aplicação prática, exatamente o oposto da Filologia Germânica que privilegia uma constante construção de saberes com outras áreas do conhecimento, neste caso, a Medievalística Germanística.

³ Não entraremos em detalhes sobre a discussão entre “documento” e “testemunho” para historiadores e teóricos da literatura, devido à temática fugir do presente trabalho.

⁴ Não teceremos neste artigo considerações sobre a formação do *Niederdeutsch* (baixo alemão), devido a não pertinência ao escopo do mesmo.

Medievística Germanística – proposta de conceituação⁵

Expressão por nós traduzida do alemão – *Germanistische Mediävistik* – e que caracteriza uma ciência que há algumas décadas trabalha conjuntamente o social e o literário dentro do universo da Idade Média, permite associar o estudo filológico e literário à contraparte social, antropológica, de base histórica, fornecendo as bases para a univocidade do texto literário, documento e testemunho ao mesmo tempo. Por isso, a Medievística Germanística⁶ de língua alemã pode permitir ao pesquisador, com base em fontes e em trabalho conjunto e integracionista com a Filologia Germânica e a Historiografia, depreender, tão realisticamente quanto possível, uma visão particular ou social de mundo em uma determinada época dentro do medievo germanófono e anglófono. Sólidos pontos de apoio na historiografia em língua alemã sobre o medievo germanófono são indispensáveis. Estudiosos como Bumke (1999), Althoff (1997) e Wenzel (1974), dentre outros, vêm se debruçando sobre esse campo de estudos inter e transdisciplinar, principalmente a partir da constatação empírica de que do processo de seleção e análise de fontes – textos literários ou não –, não apenas se depreendem dos textos as informações de cunho histórico, cultural, social e político pertinentes à época em estudo, mas, principalmente, como aquelas estabelecem pontos de contato entre a Idade Média e a Modernidade. Como afirmam Ulrich Müller e Gerlinde Weiss (1993, p. 33), “*deve-se, contudo, afirmar, que o caminho para a modernidade europeia começou naqueles tempos, os quais através do Renascimento/Humanismo e Iluminismo conduziram finalmente à época da técnica e à Modernidade*”. Nesse sentido, o tratamento científico dado ao idioma e seus estágios primeiros é fundamental para a constituição das futuras nacionalidades. Partilhamos da opinião de Hans Jürgen Koch (1976, p. 22), ao advertir sobre a necessidade de retomada pelos alemães do seu próprio fazer literário do passado:

A partir do conhecimento do passado pode-se melhor avaliar as condições e condicionalidades do presente. Isso pode não soar especialmente progressivo ou atual em um presente que se mostra francamente ahistórico. Contudo, permanece a questão, se o ser humano ainda tem um futuro sem a sua História, se a Germanística medieval ainda tem uma chance sem um novo conceito de História de se libertar de seu entorpecimento.

⁵ O presente subcapítulo foi em parte retirado de BRAGANÇA JÚNIOR (*apud Anais da I Semana de Filologia na USP*, 2006, p.11-27).

⁶ Entendemos os termos em alemão *Germanistische Mediävistik* como a ciência que tem por finalidade estudar uma determinada língua e a literatura compilada nesta língua durante a Idade Média e que as considera não como um fenômeno isolado, mas as contextualiza em uma época com sua cultura e civilização específicas. A Medievística germanística em alemão, como propomos, prende-se aos estudos de *Kulturwissenschaft*, ou *Cultural Studies* (*apud BRANDT*: 1999 p.15-16; *BACHMANN-MEDICK*: 1996, p. 7-64)

A literatura em língua alemã e inglesa, em sua pluralidade de gêneros, descortina ao filólogo e ao historiador uma paisagem, na qual estão presentes as marcas culturais daquele tempo expressas através das palavras. Uma Anglistica Intercultural⁷ ou uma Germanística Intercultural também associam-se à Medievalística Germanística como macro e microáreas aglutinadoras da cultura em seus diversos segmentos formadores, dentre eles a literatura. Como conceber, então, cultura como texto? Doris Bachmann-Medick (1996, p.10) assim a caracteriza:

Entender cultura como texto significa delimitar um campo comum, o qual apenas pode ser trabalhado através de questionamentos interdisciplinares: cultura é uma área, que – semelhante a um texto – convida para diferentes formas de leitura. A atenção dirige-se para a própria condensação de significados das formas de representação cultural a serem interpretadas assim como para as estratégias retóricas na representação de culturas.

A plurissignificação cultural dentro do mosaico medieval em antigo alto alemão, antigo inglês, médio-alto-alemão e inglês médio nos textos estudados apresentam os elementos conflitantes formadores, conformadores, reformadores e deformadores do edifício social do medieval, que, muitas vezes, passam despercebidos ou ignorados por absoluta falta de conhecimento linguístico.

Filologia Germânica em sala de aula – uma proposta de aplicação etimológico-semântica

Talvez uma das maneiras mais eficientes de se demonstrar em um texto antigo a importância do conhecimento prévio de estruturas básicas do idioma estudado em fases pretéritas seja a análise etimológica de termos selecionados. A etimologia de um vocábulo, seu significado em determinados momentos da História, pode desvelar determinadas tendências de cunho cultural, histórico, linguístico, que o levaram ao prestígio ou ao ocaso.

Destarte, como trazer à vida um texto medieval redigido nos primeiros períodos do alemão e do inglês? Exemplifiquemos o labor filológico com dois pequenos textos, sendo o primeiro um trecho em antigo-alto-alemão do Juramento de Estrasburgo de 842 (*apud* Bunse: 1983, p. 204-205):

⁷ Embora tenhamos, desde o início do artigo, mencionado a interface e o pertencimento da língua inglesa ao mundo de expressão germânica, não incluiremos aqui textos em antigo inglês ou inglês médio, fontes a serem tratadas em futuro estudo.

Karolus teudisca lingua sic haec eadem verba testatus est.:

In godes minna ind in ther christânes folches in unsêr bêdhero gehalt nissî, fon thesemo dage frammordes, sô fram sô mir got geuizci indi mahd furgibt, sô haldih thesan mînan brudher, sôro manmit rehtu sînan bruoher scal, in thiuhaz ermig sô sama duo, indi mit Ludheren in nohheiniu thing ne gegango, the mînan uuillon imo ce scadhén uuerdhén.

Sacramentum autem, quod utorumque populus quiqui propria lingua testatus est, (...) teudisca lingua sic se habet:

Oba Karl then eid, then er sînemo brudher Ludhuuige gesuor, geleistet, indi Ludhuuig mîn hêvo then er imo gesuor, forbrihchit, ob in inan es iruenden ne mag: noh ih noh thero nohhein, then ih es iruenden mag, uuidhar Karle imo ce follusti ne uuirdhit.

Tradução de Bunse (1983, p. 204–205):

Carlos assim testemunhou com estas palavras em língua popular:

Por amor de Deus e pela salvação do povo cristão e a nossa comum salvação, desde dia em diante, enquanto Deus me der sabedoria e poder, apoiarei este meu irmão assim como um homem, com direito, deve apoiar seu irmão, no que ele me faça o mesmo; e com Lotário não entrarei em pacto por, com meu consentimento, lhe (a Carlos) cause dano.

O juramento que proferiu cada povo em sua própria língua é, em língua romana, como se segue:

Se Carlos cumprir o juramento que prestou a seu irmão Luís e Luís, meu senhor, romper o juramento que àquele prestou, então, caso eu não o puder demover, nem eu nem qualquer outro dos que eu puder demover, lhe preste ajuda contra Carlos.

A importância histórica do texto como documento relativo à aliança entre Carlos e Luís contra Lotário devido às ambições territoriais deste último possui uma contraparte literária e cultural, que cabe ao professor desvelar aos discentes. No que tange à parte filológica, uma introdução ao léxico em antigo-alto-alemão pode ser encetada pelos seguintes exemplos: *godes, ind, folches, unsêr, fon, thesemo, dage, got, geuizzi, mahd, furgibt, mînan brudher, man, mit, rehtu, scal, mig, duo, thing, gegango, uuillon, scadhén e uuerdhén* prestam-se, em uma primeira etapa, à analogia com o alemão moderno *Gottes, und, Volkes, unser, von, diesem, Tag, Gott, Weisheit, Macht, gibt, meinen, Bruder, man, mit, Recht, soll, mich, tue, Ding, ging, Willen, schaden e werden*.

O trabalho comparativo e generalizante de cunho filológico surge na inserção do inglês, língua germânica geralmente de conhecimento por parte do graduando, como interface linguística: *God, and, folk, of, these, wisdom, might, give, my, bother, man, right, shall, do, thing e will* são alguns dos termos, cuja semelhança gráfica e fonética facilitaria sua decodificação pelo aluno.

Ao se tratar da ambiência histórica do documento e sua importância como testemunho de três línguas no século oitavo traz-se de novo ao estudo a proximidade filológica e cronológica dos idiomas alemão e inglês, que certamente despertará a observação crítica do discente diante de um texto como o seguinte:

Faeder úre thû the eart on heofonum, sî thîn nama gehálgôd. Tôbecume thîn rice. Geweorthe thîn willa on eorthan swâ swâ on heofonum. Úrne gedaeghwámlican hláf syle ús tô daeg. And forgyf ús úre gyltas, swâ swâ wê forgyfath úrum gyltendum. And ne gelæd thû ús on costmunge, ac âlys ús of yfele. (EGGERS, 1970, p. 257)

O mesmo trecho do Pai Nosso em *Althochdeutsch* (EGGERS, 1970, p. 257):

Fater unser, thû pist in himile, uuíhi namun dînan, qhueme rîhhi dîn, uuerde uuillô diin, sô in himile sôsa in erdu, prooth unseer emezzhic kip uns hiutu, oblâz uns sculdi unseero, sô uuir oblâzêem uns sculdikêem, enti ni unsih firleiti in khorunka, ûzzer unsih fona ubile.

Pela *collatio* dos fragmentos evidenciam-se formas lexicais semelhantes em antigo inglês e antigo-alto-alemão. Algumas considerações de cunho filológico acerca dessas semelhanças acrescentam dados culturais aos estudiosos: *hláf* (texto 1) e *prooth* (texto 2) significam “pão”. Onde poderíamos encontrar, pois, analogias naquelas línguas germânicas em seu estágio atual? No primeiro caso, temos *loaf* e *Brot*, respectivamente em inglês e alemão e juntamos à forma em alemão o termo *bread* em inglês moderno. A coexistência dos vocábulos de raiz germânica encobre, por outro lado, traços distintivos de ordem semântica: *loaf*, presente também em gótico como *hlaifs*, significaria “pão”, em sua origem, enquanto totalidade do produto. Já a forma *bread* apresenta a ideia de “bocado” ou “pedaço” em sua origem (SKEAT: 1956, p. 61; p. 299), que hoje em dia está inclusa no primeiro elemento, na expressão *a loaf of Bread*, uma fatia de pão.

A mobilidade semântica das palavras oculta transformações de variada ordem, muitas vezes despercebidas ao professor de inglês e de alemão. Nesse caso, o comparativismo linguístico estabelece as pontes necessárias à identificação dos termos: *Faeder/Fater*, *úre/unser*, *thû eart/pist*, *heofonum* (*heaven*), *thîn/dînan*, *nama/namun*, *Tôbecume/qhueme*, *thîn/dîn*, *rice/rîhhi*, *geweorthe/uuerde*, *willa/uuillô*, *on/in*, *eorthan/erdu*, *heofonum* (*heaven*)/*himile* (*Himmel*), *úrne/unseer*, *hláf/prooth*, *forgyf/oblâz*, *ús/uns*, *úre/unseero*, *gyltas/sculdi*, *wê/uuir*, *forgyfath/oblâzêem*, *úrum/uns*, *gyltendum/sculdikêem*, *and/enti*, *ne/ni*, *of/fona*, *yfele/ubile* são pares, passíveis de identificação e compreensão em moderno-alto-alemão e em inglês moderno.

O segundo testemunho, escrito em médio alto alemão, é datado do século XIII e de autoria do maior trovador em língua alemã, Walther von der Vogelweide, (cerca 1170 – cerca 1230), cujo título *Ich saz úf eime steine* – “Eu estava sentado sobre uma pedra” – se refere à sua percepção da realidade política de então do Sacro Império Romano.

<i>Ich saz ûf eime steine (Original)</i>	<i>Ich saß auf einem Felsen (Versão de Eugen Turnher)⁸</i>
<p><i>Ich saz ûf eime steine, und dahte bein mit beine: dar ûf satzt ich den ellenbogen: ich hete in mîne hand gesmogen daz kinne und ein mîn wange. dô dâhte ich mir vil ange, wie man zer welte solte leben: deheinen rât kond ich gegeben, wie man driu dinc erwurbe, der keines nit verdurbe. diu zwei sint êre und varnde guot, daz dicke ein ander schaden tuot: daz dritte ist gottes hulde, der zweier übergulde. die wolte ich gerne in einen schrîn. jâ leider desn mac niht gesîn, daz guot und weltlich êre und gotes hulde mêre zesamene in ein herze komen. stîg und wege sind in benomen: untriuwe ist in der sâze, gewalt vert ûf der strâze: fride unde reht sint sêre wunt. diu driu enhabent geleites niht, diu zwei enwerdent ê gesunt.</i></p>	<p>Ich saß auf einem Felsen, die Beinen übereinandergeschlagen. Darauf stützte ich den Ellenbogen. In meine Hand hatte ich das Kinn und eine meiner Wangen geschmiegt. So überlegte ich mir angestrengt, wie man Erden leben solle. Ich wußte mir keinen Rat, wie man drei Dinge erwerben könne, ohne daß eines von ihnen verloren ginge. Die beiden ersten, die einander Eintrag tun, sind Ansehen und irdischer Besitz. Doch höher als der Wert der beiden, ist als drittes Gottes Huld. Sie alle wollte ich gern in einem Schrein. Aber leider, es ist unmöglich, daß Besitz, weltliches Ansehen und göttliche Gnade dazu in ein Herz zusammenkommen. Steg und Weg sind ihnen versperrt: Untreue lauert im Hinterhalt. Gewalttätigkeit kommt auf der Straße her. Frieden und Recht sind tödlich verletzt. Die drei haben keinen Schutz, wenn die zwei nicht vorher gesunden.</p>

No tocante ao médio-alto-alemão, partiríamos, do mesmo modo, do léxico comparado como reconhecimento de peculiaridades distintivas entre o uso linguístico do alemão nos séculos XIII e XX a partir de uma análise filológica com base nos étimos. Poderíamos arrolar, como exemplos, *stein, bein, ellenbogen, hand, kinne, wange, welte, leben*, (*Stein, Bein, Ellenbogen, Hand, Kinn, Wangen, Welt, leben*), dentre vários outros. O estudante imediatamente com a ajuda do dicionário e aqui, excepcionalmente, através da conhecida gravura do trovador – *Minnesänger* – sentado sobre uma pedra, teria um excelente ponto de entrada no poema.

O próprio levantamento vocabular permitiria a ele, sempre sob a orientação do docente responsável, a tentativa de formulação de algumas regras para a gramática do médio-alto-alemão, em

⁸ Os textos não serão traduzidos para a língua portuguesa, a fim de fomentar o interesse do estudioso em ter acesso às fontes no original.

que os traços fonéticos, morfológicos e sintáticos do alemão moderno estão mais visíveis do que no período linguístico precedente. *Guot* e *Gottes*, *gesîn* e *ûf* servem para mostrar os radicais de *Gut* e *Gott*, enquanto os dois últimos revelam a tendência da ditongação da vogal longa, isto é, *sein* e *auf*.

Walther von der Vogelweide, em suas poesias sentenciosas e de cunho autobiográfico e político, constitui-se em um dos mais importantes trovadores de língua alemã, refletindo no poema acima suas experiências acerca do mundo que viu e sentiu. A vida de Walther já traria consigo uma farta quantidade de elementos para uma análise das relações sociais na Baixa Idade Média no ápice do sistema feudal. A questão da indissociabilidade dos valores do mundo material com as riquezas de uma vida pautada pela espiritualidade cristã é marcada no poema, revelando uma cisão d'alma que desaguará no Renascimento de caráter antropocêntrico e que, do ponto de vista da modernidade, como se fosse um relato em forma de desabafo, mostra a crescente violência decorrente da busca humana pela eternização através do dinheiro, que fere os mais básicos princípios de convivência humana de fundamento cristão como a paz e a justiça. À interpretação do poema soma-se o conhecimento das lutas entre Papado e Sacro Império no fim do século XII e início do seguinte. Walther vivenciou muito bem tais questões e uma abordagem historiográfica pode muito bem retirar subsídios importantes para o estudo da época a partir do seu relato.

Como vimos, a plurissignificação cultural dentro do mosaico medieval abrangido pelos textos nas duas primeiras fases de desenvolvimento do idioma alemão já é ela própria um *leitmotiv* para as pesquisas. No caso do poema em *Mittelhochdeutsch*, temas como o amor, a religião, moral, ética e política muito se assemelham às suas contrapartes contemporâneas, inclusive em território brasileiro.

À aparente visibilidade da evolução fonética e gráfica dos lexemas assinalados acrescentamos uma indagação: qual a necessidade efetiva de conhecimento dos períodos iniciais daquelas línguas para a formação de um professor de língua alemã e de língua inglesa?

Em defesa da Filologia Germânica

Como auxiliar nossos alunos a reconhecer a cultura germânica, em seus mais diferentes aspectos, cultura esta retratada nas fontes escritas de que dispomos? Como possibilitar a eles noções fundamentais dos estágios de desenvolvimento do alemão... moderno? Como resgatar toda uma história das idéias de anglos, saxões, jutos, bávaros, alamanos, dentre outros povos? (BRAGANÇA JÚNIOR; ROCHA, 1996, p.5)

Após um levantamento curricular da grande maioria dos cursos de Português-Alemão e Português-Inglês das instituições de ensino superior do Brasil, notamos que as disciplinas Literatura Alemã – das origens ao século XVII, de caráter obrigatório, e Filologia Germânica, de cunho optativo, oferecidas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro para estudantes a partir do quinto

semestre do curso de bacharelado e licenciatura com carga horária semanal de praticamente quatro horas, são as únicas que se dedicam *in toto* à apresentação e ao estudo do surgimento e desenvolvimento da literatura em alemão e em inglês até o século XV.⁹ No tocante à língua alemã, o e mentário da disciplina obrigatória Literatura Alemã abrange desde os primeiros contatos entre romanos e germanos, aspectos da tradução da Bíblia para a língua gótica, rudimentos para o estudo das inscrições rúnicas, o período de Carlos Magno e a cristianização de seu império germânico e o surgimento dos primeiros dicionários e glossários bilíngues latim-antigo-alto-alemão, a consolidação de uma literatura quase que exclusivamente eclesiástica dos séculos nono e décimo até culminar com a lírica trovadoresca em alemão medieval e os textos do Misticismo Alemão e do Humanismo dos séculos XV e XVI. Tal repertório linguístico e literário objetiva fornecer ao aluno, através da aplicação da análise filológica de vocábulos selecionados, informações de cunho histórico, cultural, social e político pertinentes à época em estudo, com o intuito de deixar vir à tona pontos de contato entre a Idade Média e a Modernidade. O estudo filológico, de aporte comparativo, é, por conseguinte, é a ferramenta apropriada para se alcançar tais objetivos.

O retrato por nós esboçado levou-nos à elaboração de material didático, especialmente concebido ao público discente de língua portuguesa, em forma de antologia contendo excertos dos principais textos e documentos escritos em antigo e médio-alto-alemão, à qual foi acrescida uma nova com rudimentos histórico-culturais para situar de forma mais precisa o homem, seu tempo e sua interação na literatura e vice-versa.¹⁰ Os poemas inteiros e fragmentos textuais em seus estágios originais, com seu arcabouço filológico-histórico, concatenam os textos com seus contextos, em um trabalho que visa considerar aquelas fontes mais que “testemunhos” para a História, configurando-se, sim, em textos de caráter documental. A tradução dos textos para o moderno alto alemão ou para o inglês moderno aproxima o discente da Idade Média com a realidade linguística atual do idioma e a comparação vocabular permite até a formulação de algumas regras elementares da gramática histórica, bem como a apreensão de indicadores sociais da época contextualizada, ou seja, a Filologia Germânica e a Mediévica Gemanística fornecem ao estudante um seguro ponto de entrada em um fazer social e cultural bem distante do século XXI.

Baseados em nossa experiência docente e para sumarizar o até aqui exposto, arrolamos três justificativas a favor da criação de um campo comum de trabalho entre a Filologia Germânica e a

⁹ Claro está que, nesse meio tempo, possa(m) ter surgido disciplina(s) em nível de Graduação ou de Pós-Graduação em outras instituições de ensino superior que abarquem o mesmo ou um similar conteúdo programático à disciplina Literatura Alemã – das origens ao século XVII ou Filologia Germânica na UFRJ.

¹⁰ As duas apostilas, reunidas juntamente com os estudos teóricos referentes aos séculos XVI a XVIII, serão posteriormente publicadas com o título de *A literatura em língua alemã das origens ao Aufklärung - tendências e contingências - rudimentos histórico-culturais e textos*. Do mesmo modo, com a inclusão de textos em antigo inglês e inglês médio foi organizada uma apostila, no prelo, *Introdução à filologia germânica - rudimentos da língua inglesa e alemã*.

Medievística Germanística, em que a primeira área do conhecimento venha a ser consolidada e a segunda a ser conhecida e desenvolvida dentro do cenário universitário nacional:

- a) o conhecimento da língua em seus estágios primeiros de formação pode facilitar a compreensão de suas estruturas modernas. No caso do inglês e do alemão, *old e middle english*, *Althochdeutsch* e *Mittelhochdeutsch* revelam através de sua história os processos pelos quais a língua passou até se gramaticalizar, guardando traços fonéticos, sintáticos, morfológicos e semânticos hoje desaparecidos, como, por exemplo, em *hóchgezít*, originalmente significando “festividades” e em alemão moderno “casamento”, *Hochzeit*. A história por trás da palavra é revelada pela junção de esforços do filólogo germanista e do medievista;
- b) de um ponto de vista literário, a própria evolução de metros e estilos está eminentemente atrelada ao desenvolvimento cultural europeu. Não devemos nos esquecer, dentre outros fatos linguísticos, que o sistema de acentuação intensiva, característico dos poemas em médio alto alemão, por exemplo, seguiu a tendência europeia da utilização da rima a partir da poesia religiosa do século X;
- c) a ambiência cultural de base antropológica, completamente moderna, teria a sua disposição um cabedal de informações preciosas sobre o *modus cogitandi* e o *modus faciendi* do homem medieval. Costumes, tradições, preconceitos, ritos e superstições que normalmente são rapidamente mencionados a partir da leitura de terceiros, poderiam agora ser discutidos e ilustrar os debates científicos com os alunos e com pesquisadores após a leitura dos textos no idioma e estrato originais pelo docente e estudantes, ocorrendo, assim, a tão desejada interação professor-aluno.

Considerações finais

A partir de nossa argumentação postulamos para a formação mais ampla de futuros profissionais do magistério de língua alemã e inglesa a inserção do aparato filológico para estudo universitário desses idiomas, com o rigor científico da Filologia na escolha e preparo dos textos utilizados em aula.

Se partirmos desse pressuposto, imaginemos o trabalho com épocas e textos bem distantes de nossa atualidade. Caso elejamos a Idade Média, com uma produção quase decisivamente influenciada pela visão da Igreja, poderíamos formular algumas questões: em que medida o conhecimento dos estratos mais antigos de uma língua contribui para o conhecimento de um dado período histórico? Em que extensão uma tentativa de representação literária pode “refletir” o cotidiano real, por exemplo,

da Idade Média de expressão alemã? Tais questionamentos parecem ser para um filólogo e germanista, contudo, uma tarefa bastante desafiadora e, no caso brasileiro, ainda a ser empreendida.

Por fim, foi escopo destas pouquíssimas linhas, resultantes de observações, práticas e leituras desde 1993, uma mudança de perspectiva referente ao papel da Filologia Germânica face à “Idade das Trevas”. À Medievalística Germanística cabe a tarefa de explorar mais esse universo palpitante de vida que é a Idade Média como um conjunto de manifestações de ordem cultural, não de forma setorizada. A contextualização dos dados contidos nos textos seria o caminho primeiro para a justa avaliação desta época vital para a nossa modernidade.

A Filologia Germânica, cuja ausência impossibilita qualquer procedimento confiável com o documento ou testemunho, cuidaria e zelaria, em nosso ver, pela apresentação dos textos em suas versões originais, para que tanto professores quanto alunos se familiarizassem com as antigas construções das fases históricas dos idiomas. A escolha dos textos para o trabalho acadêmico deve seguir critérios determinados pelos docentes, que prezem a fidelidade filológica ao texto, a possibilidade de estabelecimento de analogias linguísticas, a literariedade e uma segura contextualização historiográfica.

Por fim, fazemos nossas as eternas palavras de Rudolf Pfeiffer (*apud* BUNSE, 1983, p. 294): “*A Filologia não é uma atividade fria de investigação. Traz no seu próprio nome a φιλικα, o amor pelo logos, e o ato de ensinar deve transferir esse calor e essa alegria para os que se preparam para aprender.*”. Desta maneira, todo um legado cultural em alemão e inglês antigos, ainda em grande parte esquecido em livros empoeirados em nossas bibliotecas das Faculdades de Letras, poderá ser redescoberto e sem dúvida servir como fundamento para pesquisas nos séculos da Pós-Modernidade.

Referências Bibliográficas

- ALTHOFF, Gerd. **Spielregeln der Politik im Mittelalter**. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1997.
- AUERBACH, Erich. **Introdução aos estudos literários**. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972.
- BACHMANN-MEDICK, Doris. (Hrsg.) **Kultur als Text – die antropologische Wende in der Literaturwissenschaft**. Frankfurt am Main: Fischer, 1996.
- BRAGANÇA JÚNIOR, Á. A. Filologia e Medievalística germânicas – considerações metodológico-práticas. In: **Anais da I Semana de Filologia na USP**. São Paulo: Serviço de Divulgação e Informação, FFLCH, 2006. v. 1. p. 11-27.

- BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. O Estudo da Literatura Medieval em Alemão no Brasil à luz da Mediévica Germanística – Algumas Palavras. In: TELLES, Célia Marques (Org.). **V Encontro Internacional de estudos medievais – Anais**. Salvador: Quarteto, 2005, p. 258-268.
- BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. Poesia histórica e/ou realidade literária? – Walther von der Vogelweide e a “Alemanha” nos séculos XII e XIII: uma abordagem culturalista. In: SILVA, Leila Rodrigues da; SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da (Org.). **Atas da IV Semana de Estudos Medievais**. Rio de Janeiro: UFRJ, Programa de Estudos Medievais, 2001, p 1-14.
- BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo & ROCHA, Roberto Ferreira da. “Notas para responder à pergunta: O que é filologia germânica?” In: SILVA, Idalina Azevedo (Org.). **Boletim Inter-cultural APA-Rio**. Rio de Janeiro: APA-Rio, 1996. n° 11. p. 4-5
- BRANDT, Rüdiger. **Grundkurs germanistische Mediävistik/Literaturwissenschaft**. München: Fink, 1999.
- BUMKE, Joachim. **Höfische Kultur – Literatur und Gesellschaften im hohen Mittelalter**. 9. Auflage. München: DTV, 1999.
- BUNSE, Heinrich A.W.. **Iniciação à filologia germânica**. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 1983.
- EGGERS, Hans. **Deutsche Sprachgeschichte I – das Althochdeutsche**. München: Rowohlt, 1970.
- KOCH, Hans Jürgen. **Die deutsche Literatur in Text und Darstellung – Mittelalter I**. Stuttgart: Philipp Reclam jun., 1976. Band 1.
- MCCRUM, Robert *et alii*. **The story of English: a new and revised edition**. London: Faber & Faber, 1992.
- MÜLLER, Ulrich; WEISS, Gerlinde. **Deutsche Gedichte des Mittelalters**. Stuttgart: Philipp Reclam jun., 1993.
- POLENZ, Peter von. **História da língua alemã**. Tradução de Jaime Ferreira da Silva e António Almeida. 7. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1973.
- ROSENTHAL, Erwin Theodor. **A língua alemã**. São Paulo: Herder, 1963.
- SKEAT, Walter. **Concise etymological dictionary of the english language**. Oxford: At the Clarendon Press, 1956.
- TURNHER, Eugen. **Herr Walther von der Vogelweide**. Graz; Wien: Stiasny Verlag, 1959.
- WENZEL, Horst. **Frauendienst und Gottesdienst**. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 1974.
- WOLKENSTEIN, Oswald von. **Das poetische Werk**. Tradução de Wernfried Hofmeister. Berlin: New York: Walter de Gruyter, 2011.